

RESENHA

UMA EPISTEMOLOGIA VERDE (*O Ponto de Mutação*, Fritjof Capra, São Paulo, Cultrix, 1986, 447 p.)

Na esteira do sucesso de "*O Tao da Física*", onde Capra traça um paralelo entre a física moderna e a filosofia oriental, aparece agora "*O Ponto de Mutação*", onde ele faz uma extensão de sua visão de realidade para as ciências humanas. Partindo da constatação de um mundo em crise, passível inclusive de destruição total pelas armas nucleares, ele reconhece a necessidade de uma "profunda alteração nas relações sociais e formas de organização social" que, segundo ele, poderia ser realizada de modo "tão indolor quanto possível". Identificando o "verdadeiro problema subjacente à nossa crise de idéias" como "o fato de a maioria dos intelectuais que constituem o mundo acadêmico subscrever percepções estreitas da realidade, as quais são inadequadas para enfrentar os principais problemas do nosso tempo", Capra labuta ao nível das idéias no sentido de "apontar para direções que mudem a situação atual". Daí o caráter pedagógico, diríamos até doutrinário, com que "essa exposição visa ajudar cientistas e não-cientistas a mudarem sua filosofia, a fim de participarem da atual transformação cultural".

Considerando a importância histórica que a física exerceu no desenvolvimento das outras ciências, o físico Capra salienta que "os físicos podem desempenhar um importante papel nesse processo", justificando assim seu engajamento tendo em vista uma mudança radical de nossos pensamentos, percepções e valores. Contudo, dominada pelo "pensamento cartesiano-newtoniano", a física clássica influenciou profundamente as idéias e valores da moderna civilização ocidental que ainda não teria se dado conta da revolução conceitual que originou a física moderna no início do século XX. É como se nossas idéias estivessem defasadas em relação às idéias desenvolvidas pelos físicos para dar conta dos fenômenos e que conduziram sua ciência a uma mudança de paradigma. Fortemente influenciado pela visão de totalidade característica do pensamento oriental, Capra vê como inelutável a extensão dessas idéias para outras ciências e consequentemente, devido à estreita relação entre ciência e produção, o surgimento de uma nova civilização que estaria sendo anunciada nos vâ-

rios setores da atividade humana.

Entretanto, as idéias superadas da física clássica ainda acarretam distorções que estão conduzindo as outras ciências a um im passe. O método cartesiano de entender o todo analisando suas partes, combinado com o mecanicismo newtoniano, teria reduzido o ser vivo a uma máquina e a vida a uma mera combinação físico-química, ins taurando toda sua lógica no nível molecular dos fenômenos. Por outro lado, a divisão cartesiana entre corpo e mente, res extensa e res cogitans, separou a psicologia da medicina, impedindo assim uma abordagem consistente do problema da saúde e da doença. Tanto a psi canálise clássica como o behaviorismo, foram marcados por essa divi são cartesiana, aliás toda a psicologia teria se desenvolvido pela formulação de "conceitos básicos de natureza newtoniana", impedindo -a de lidar "com a gama completa da consciência humana".

Por sua vez, a aplicação do paradigma da física clássica às ciências humanas, especialmente à economia, cristalizou uma concepção da sociedade na qual se estimula a competição e o individualismo dos "átomos sociais" em permanente interação, o que torna a ciên cia econômica impotente para resolver problemas globais como inflação e desemprego. Como agravante, a ênfase colocada sobre a tecnologia para o desenvolvimento da produtividade, fruto da utilização desse paradigma, teria provocado um crescimento e centralização des mesurados das unidades produtivas, aumentando os riscos de colapso, tal como é exemplificado pela crise de energia dos anos 70. A idéia de uma res cogitans atuando mecanicamente sobre uma res extensa, im pede um tratamento antropológico da questão do meio ambiente, torna do insolúveis graves problemas ecológicos.

Fazendo uso dos conceitos yin e yang da cultura chinesa, Ca pra avalia as conseqüências da utilização indiscriminada desse "pa-radigma cartesiano-newtoniano", como uma hipertrofia da componente yang em nossa cultura, quebrando o desejável equilíbrio dinâmico en tre esses dois componentes. Assim, por exemplo, a desvalorização do feminino (yin) levou a uma sociedade marcadamente patriarcal: "A ex ploração da natureza tem andado de mãos dadas com a das mulheres, que têm sido identificadas com a natureza ao longo dos tempos". O saber racional desprezou o saber intuitivo, destruindo a comple mentaridade desses "modos de consciência". Os atuais movimentos femi nista, anti-nuclear, ecológico, etc., seriam reações a esse abuso reducionista. Identificando nessas tomadas de consciência o mesmo contexto que levou à reformulação da física, Capra lança sua hipóte se: "É de se prever que, uma vez reconhecido o caráter comum de seus objetivos, todos esses movimentos passem a fluir juntos e formem uma poderosa força de transformação social".

Capra procura encontrar esse "caráter comum" analisando a concepção sistêmica da vida, a medicina holística, as terapias abrangentes e as alternativas tecnológicas dos ecologistas, tomando como referência sua interpretação da física moderna, segundo a qual, "a manifestação de uma extrema especialização da mente racional está agora estabelecendo contato com o misticismo, essência da religião e manifestação de uma extrema especialização da mente intuitiva". Mesmo reconhecendo que sua interpretação da física moderna foi influenciada por suas "convicções e escolhas pessoais" ele assegura que "todos os físicos contemporâneos" aceitarão que "a física moderna transcendeu a visão cartesiana mecanicista do mundo e está nos conduzindo para uma concepção holística e intrinsecamente dinâmica do universo". Dessa maneira, ele procura revestir uma série de propostas "marginais", em relação às tendências dominantes nas várias ciências, de um status científico: "a física moderna pode mostrar às outras ciências que o pensamento científico não tem que ser necessariamente reducionista e mecanicista, que as concepções holísticas e ecológicas também são cientificamente válidas".

Dá a justificativa de sua proposta e de seu livro: "portanto, os físicos podem fornecer o background científico para as mudanças de atitudes e de valores de que nossa sociedade tão urgentemente necessita". Por ter conseguido realizar uma revolução conceitual, mudando de paradigma, é que a física foi a primeira ciência a se libertar da "visão cartesiana-newtoniana", podendo portanto constituir a base de uma moderna teoria geral dos sistemas sem cairmos no reducionismo, pois, "ao transcendermos a metáfora do mundo como uma máquina, também abandonamos a idéia de que a física é a base de toda a ciência". É como se a física, ao se libertar de suas cadeias clássicas, tornasse possível a liberação de todo o conhecimento sob o mesmo fundamento. Desse modo, os ativistas, "desde que fundamentem melhor sua nova visão da realidade", fundir-se-ão em "novos partidos políticos" que "incluirão ambientalistas, grupos de defesa do consumidor, feministas, minorias étnicas e todos aqueles para quem a economia das grandes empresas já não funciona".

Do ponto de vista filosófico a análise de Capra é problemática. Sem se falar das orientações díspares do ponto de vista metafísico entre Newton e Descartes, do ponto de vista estritamente epistemológico não resta dúvida de que suas orientações foram divergentes, senão opostas. Enquanto Newton se enquadra na corrente empirista inglesa, Descartes é o fundador do decantado realismo francês. E se alguma síntese é possível entre essas correntes, devemos-las a Kant. É no mínimo um exagero atribuir ao pensamento dos dois todos os males da cultura moderna. Aliás, sua caracterização da influência des

ses pensadores nas ciências modernas, lembra muito mais a roupagem positivista que elas tomaram ou, de um ponto de vista mais geral, um resultado da razão iluminista. Neste sentido, a física moderna não só não escapa dessa orientação, como constituiu matéria-prima fundamental da elaboração neopositivista.

Também do ponto de vista histórico, Capra se revela um caudatário dessa orientação. Sem se falar de seu apoio a Toynbee, do qual ele toma o modelo de queda e ascensão das civilizações, sua concepção de história da ciência é cumulativa e progressiva em direção a "uma descrição completa e definitiva da realidade", inatingível por hipótese. Assim, ele encara o desenvolvimento da física moderna, como uma extensão da física clássica a domínios, dimensões atômicas ou velocidades próximas à da luz, nos quais ela perde sua validade obrigando-a a uma reformulação, mas sem que seu domínio de validade anterior seja ameaçado. Desse modo, ao fazer a crítica da "visão cartesiana-newtoniana" na biologia, na medicina, psicologia, economia, etc., Capra sempre reitera que essa visão não deve ser abandonada, mas sim que "sejam reconhecidas suas limitações". Obcecado pela filosofia oriental, ele insiste em "pontos de mutação" harmoniosos ao invés de revoluções, o que de fato pode se encontrar nas milenares dinastias chinesas.

Reduzindo a física clássica, senão toda a ciência moderna, a um conhecimento "cartesiano-newtoniano", Capra apaga do transcorrer histórico todas as idéias que conflitaram com essa visão e que inclusive acabaram se impondo, como se pode ver pela idéia de campo, introduzida por Maxwell, ou de energia. Por sinal, esta última idéia surgiu no bojo de uma discussão filosófica aguçada no início do século XIX, entre o "mecânico" e o "orgânico". Aliás, esta última idéia, tão cara ao romantismo, está na base da tão enaltecida "teoria geral dos sistemas". E não nos esqueçamos que nosso subsistema, ou como Capra constantemente se refere, Terceiro Mundo, faz parte da "loucura da nossa cultura dominante", o que significa que para nós chegou também o "ponto de mutação". Como dizem os ingleses, já que é inevitável, relaxe e goze...

No que aqui nos concerne, busquemos sua contribuição epistemológica, uma vez que ele afirma ter "uma nova visão da realidade". Seu resgate do feminino, do potencial da subjetividade, levaria a crer que seu pensamento se imerge no debate epistemológico atual, onde estes temas, postos inicialmente pela fenomenologia, constituem referências obrigatórias. Embora sua "visão" aflore aqui e ali em todo o livro, é na sua interpretação da física moderna que sua concepção aparece mais nitidamente. "O fato de que todas as propriedades das partículas sejam determinadas por princípios estreitamente relacio-

nados com os métodos de observação significaria que as estruturas básicas do mundo material são determinadas, em última instância, pelo modo como observamos esse mundo; e que os modelos da matéria são reflexos de modelos da mente". Ou menos condicionalmente: "O elétron não possui propriedades objetivas independentes da minha mente"... "Nunca podemos falar da natureza sem, ao mesmo tempo, falar sobre nós mesmos".

Esse idealismo, quase dois séculos depois de Hegel, é dinamizado pela harmonia do yin e do yang, sendo nada mais nada menos do que uma manifestação do karma. Comparada com a dialética hegeliana, esta dinâmica não passa de um eterno repouso. E o que é mais grave, ao introduzir o conceito de totalidade, a filosofia hegeliana abriu para a crítica os perigos do totalitarismo, ou seja, tomar o todo por uma de suas partes, perigo do qual Capra nem se dá conta. Na sua defesa da "teoria geral dos sistemas", ele parece escamotear a questão: "Nossa evolução continua a oferecer-nos liberdade de escolha. Podemos deliberadamente alterar nosso comportamento mudando nossas atitudes e nossos valores, a fim de readquirirmos a espiritualidade e a consciência ecológica que perdemos". Ora, não se desvanece o perigo do totalitarismo mesmo que tomemos a "melhor" parte: a solução sempre será nefasta para a totalidade, justamente pela impossibilidade de se estabelecer uma avaliação a priori. Essa crítica feita a Hegel, destrói a possibilidade de Capra de uma teoria bootstrap da realidade, auto-consistente e auto-coerente.

Introduzindo a subjetividade como "um modo de consciência pelo qual o indivíduo se sente vinculado ao cosmo" e o feminismo através do fato de que "nos departamentos de física, as mulheres fazem chá e servem bolinhos, em torno dos quais os homens discutem suas teorias", a filosofia anacrônica e reacionária de Capra, realiza uma espécie de Fantástico Show da Vida, onde todas as manifestações "marginais" da cultura, embora anunciem um novo mundo, são integradas ao "sistema". Os verdes, a não ser que precisem de guru, felizmente ainda precisam elaborar sua epistemologia.

WOJCIECH KULESZA
Univ. Federal da Paraíba